

Universidades Lusíada

Silva, Sílvia de Fátima Francisco da

**A ponte : o animal de companhia como
facilitador do contacto e interação social da
população idosa**

<http://hdl.handle.net/11067/8158>

Metadados

Data de Publicação	2024
Resumo	Tendo em consideração a importância do relacionamento social humano e a problemática do isolamento social, nomeadamente para a população idosa, este estudo teve como objetivo central explorar o contributo do animal de companhia (AC) como potencial facilitador do estabelecimento de relações em três dimensões: i) conhecer pessoas, ii) criar amizades iii) gerar apoio social. Foram analisadas, também, as diferenças entre os grupos com e sem AC, particularmente quanto ao grau de concordância referent...
Editor	Universidade Lusíada Editora
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 64 (2024)

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T01:05:00Z com
informação proveniente do Repositório

A PONTE:
O ANIMAL DE COMPANHIA COMO FACILITADOR DO
CONTACTO E INTERAÇÃO SOCIAL DA POPULAÇÃO IDOSA

THE BRIDGE:
COMPANION ANIMALS AS FACILITATORS OF SOCIAL
CONTACT AND INTERACTION FOR THE ELDERLY

Sílvia de Fátima Francisco da Silva

Assistente social

Mestre em Gerontologia Social pelo ISSL - Universidade Lusíada

ORCID: 0000-0003-3283-415X

DOI: <https://doi.org/10.34628/4Q3P-M691>

Data de submissão / Submission date: 05.03.2024

Data de aprovação / Acceptance date: 16.09.2024

Resumo: Tendo em consideração a importância do relacionamento social humano e a problemática do isolamento social, nomeadamente para a população idosa, este estudo teve como objetivo central explorar o contributo do animal de companhia (AC) como potencial facilitador do estabelecimento de relações em três dimensões: i) conhecer pessoas, ii) criar amizades iii) gerar apoio social. Foram analisadas, também, as diferenças entre os grupos com e sem AC, particularmente quanto ao grau de concordância referente à facilitação da interação social e bem-estar emocional. O estudo, de natureza quantitativa, utilizou como técnica de recolha de dados um questionário disponibilizado *online*, que contou com a participação de 231 pessoas com 65 ou mais anos, residentes em Portugal. Deste total, 56 sem e 175 com AC, tendo estes últimos como companhia: cães (36,6%), gatos (42,9%), cães e gatos (16%) e outros animais, incluindo papagaios, canários e uma tartaruga (4,6%). Os resultados evidenciaram que os inquiridos com cão como animal de companhia são quem apresenta maior oportunidade de estabelecer relações com o outro, sendo os que se passeiam ou se expõem com o AC os que apresentam maior possibilidade de conhecer pessoas e interagir com elas. No que se refere ao apoio social, categorizado em quatro tipos (informacional, emocional, integração social e instrumental), apurou-se que a dimensão informacional é a mais valorizada. Os participantes com AC identificam os contributos do seu animal na facilitação do relacionamento social e bem-estar emocional. Na mesma linha de outros estudos – designadamente os de Lisa Wood, sobre o contributo indireto do AC nas várias dimensões das relações sociais humanas – conclui-se que o AC pode ser um facilitador do contacto e da interação social das pessoas idosas, constituindo-se como elemento importante na diminuição do risco de isolamento social. A utilização do espaço público com o AC é um fator a considerar no bem estar social das pessoas idosas e, apesar

dos cães se destacarem no papel de facilitador da interação social, o estudo demonstra não haver diferença significativa em relação a outros animais, quando se trata de estabelecer novos contactos e interagir socialmente.

Palavras-chave: Pessoa Idosa, Animal de Companhia, Isolamento Social, Interação Social, Bem Estar Social.

Abstract: Bearing in mind the importance of human social relationships and the problems of social isolation, namely for the elderly, the main objective of this study was to explore the indirect contribution of companion animals (CA) as potential facilitators for the establishment of relationships in three dimensions: i) meeting people, ii) fostering friendships and iii) generating social support. Furthermore, differences between groups with and without CA were analysed, particularly regarding the degree of agreement regarding the facilitation of social interaction and emotional well-being. The study, of a quantitative nature, used a questionnaire made available online as a data collection technique, with the participation of 231 people aged 65 or over, residing in Portugal. Of this total, 56 without and 175 with AC, namely, 36.6% indicated that they had dogs, 42.9% cats, 16% dogs and cats and 4.6% other animals, including parrots, canaries and a turtle. The results revealed that it is dog owners that have a greater opportunity to establish relationships with others, since going for a walk or being outdoors with CA presented a higher probability of meeting and interacting with people. In relation to social support, categorized into four types (informational, emotional, social integration and instrumental), it was found that the informational dimension was the most valued. The participants with CA identify their pet's contributions to facilitating social relationships and emotional well-being. In consonance with other studies – namely Lisa Wood on the indirect contribution of companion animals in the various dimensions of human social relationships – the conclusion is that CA can facilitate social contact and interaction for the elderly, thus comprising an important element in decreasing the risk of social isolation. The usage of a public space with CA is a factor to be considered in the social well-being

of the elderly and even though dogs' standout in the role of facilitating social interaction, the study demonstrates that there is no significant difference in relation to other pets, when it comes to establishing new contacts and social interaction.

Keywords: Elderly Person, Companion Animals, Social Isolation, Social Interaction, Social Well-being.

Introdução

O fenómeno do isolamento social dos idosos é uma questão complexa influenciada por fatores relacionados como a idade, mas que vai além de meras considerações cronológicas, contudo, segundo Victor, Scambler & Bond (2009) observam que a probabilidade de isolamento social avança à medida que se envelhece, caracterizado pela diminuição das relações sociais e da rede de apoio. Apesar disto, Araújo & Melo (2018) defendem que o desejo de interação social persiste ao longo do processo de envelhecimento.

Há três décadas, foi reconhecida a importância das relações sociais para a saúde e bem-estar do ser humano (Umberson & Montez, 2010). Conforme Holt-Lunstad, Smith & Layton (2010) e Holt-Lunstad et al., (2015) destacaram que pessoas conectadas socialmente são mais saudáveis e vivem mais quando comparadas com indivíduos socialmente desconectados, seja do ponto de vista objetivo — isolamento social, como subjetivo — solidão.

Após uma vasta revisão meta-analítica verificou-se que a falta de contacto social prediz taxas de mortalidade, particularmente para a solidão, isolamento social e viver sozinho (Holt-Lunstad, Smith & Layton, 2010). Além disso, destacou-se que a escassez de contacto e interação social acrescem riscos à saúde semelhantes em magnitude à hipertensão, tabagismo e a obesidade, sendo mesmo apontado, em alguns casos¹, com risco superior à obesidade (Holt-Lunstad et al., 2015). Neste sentido, torna-se relevante para os idosos, promover maiores oportunidades para o contacto e interação social que reforcem o sentimento de pertença, intimidade, segurança, empatia, companheirismo e apoio social (Araújo & Melo, 2018; Jacob 2011). Em síntese, considera-se o «relacionamento social»

¹ Cf. Holt-Lunstad et al., (2015, p. 236).

como elemento fulcral para a promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida (Bezerra, Nunes & Moura, 2021; Bowling et al., 2003).

Bowling (2017) e Bowling et al., (2003) reforçam esta perspectiva, afirmando que o bem-estar e qualidade de vida dos idosos dependem predominantemente de: i) cultivar e sustentar relações sociais, ii) envolvimento ativo em atividades sociais, e iii) residir em ambientes que ofereçam segurança e proximidade. Num outro estudo, Douma et al., (2015), os idosos também enfatizam a importância de um papel ativo na vida social, sendo os animais de companhia referenciados como uma componente benéfica do seu contexto social.

Embora o envolvimento social continue a ser um elemento proeminente que contribui para a qualidade de vida e o bem-estar da população sénior, segundo Araújo & Melo (2018) mesmo os indivíduos que têm uma excelente conexão social experimentam mudanças à medida que envelhecem. De acordo com Scrutton & Creighton (2015) e Shankar, Rafnsson & Steptoe (2015) diversos eventos contribuem na diminuição do contacto e interação social, tais como, a reforma, a incapacidade física, as doenças relacionadas com a idade e, particularmente, a perda de um parceiro ou de entes queridos. Estas são marcadas como circunstâncias que podem impactar significativamente a interação e o relacionamento social dos idosos (Araújo & Melo, 2018; Bezerra, Nunes & Moura, 2021).

Fonseca (2004) sublinha que, apesar destas dificuldades, reforça a importância no desenvolvimento de maiores oportunidades para o contacto social e subsequentemente, na continuidade da interação e do relacionamento social. Por exemplo, durante o período de distanciamento social forçado devido à SARS-CoV-2 responsável pela COVID-19, os estudos destacaram o papel dos animais de companhia na mitigação do isolamento social e da solidão dos idosos (Applebaum et al., 2021), como meio para aliviar os efeitos negativos para a saúde física, emocional e social potencialmente resultante do período de auto isolamento (Hoy-Gerlach, Rauktis & Newhill, 2020). Particularmente neste contexto, os animais de companhia surgiram como elementos de destaque para amenizar

o isolamento social e facilitar as oportunidades de envolvimento e interação social (Carr et al., 2021).

De acordo com McNicholas (2014) este benefício indireto resultante dos animais de companhia, apesar de pouco destacado, é particularmente significativo para indivíduos que são suscetíveis ao isolamento social, como os idosos, que podem ter maiores dificuldades de contacto e interação social, sobretudo, a medida que envelhecem. Em síntese, no âmbito do mestrado em Gerontologia Social, o presente estudo dedicou-se a explorar a via indireta que considera o animal de companhia como um meio ou uma ponte para a conexão social (McNicholas, 2014; Wood et al., 2015; 2007; Wood & Christian, 2011; Wood, Giles-Corti, Bulsara, 2005). De acordo com Wood et al., (2015), esta perspetiva alternativa pode fornecer *insights* valiosos sobre o papel e a contribuição dos animais de companhia, visto que estes podem atuar como meio para facilitar variadas formas de contacto e relacionamento social.

O papel do animal de companhia como catalisador e lubrificante social

The presence of a pet seems to «normalize» social situations, getting everyone through the ice-breaker stage to the point where they can risk directly engaging with the unfamiliar person. (Newby apud Wood et al., 2015, p. 12)

Consoante McNicholas & Collis (2000), Messent (1985) e Rogers, Hart & Boltz (1993), um animal de companhia pode atuar como catalisador social, ou seja, como ponto de partida para o contacto e interação social. O que, por sua vez, explanam que proporciona a oportunidade de «quebrar o gelo», possibilitando, deste modo, uma abertura neutra e segura para se conectar com outra pessoa.

Além disso, vários investigadores Guéguen & Ciccotti (2008); McNicholas & Collis (2000) e Papotto & Oliva (2019) demonstraram que os animais de companhia despertam reações emocionais nas pessoas, especialmente quando amigáveis, jovens ou de determinadas raças (Glasier et al., 2009; Wells, 2004), sendo considerado

um gatilho capaz de chamar a atenção das outras pessoas, incluso mencionado, como um «antídoto» para se destacar face ao anonimato dos espaços públicos (Robins, Sanders & Cahill, 1991; Wood & Christian, 2011).

Num estudo inglês de Mugford e M'Comisky intitulado *Some recent works on the psychotherapeutic value of enjaulated birds with elderly* (1975) é utilizado o termo “social lubrificante”, conforme citado em Messent (1985, pp. 388–389). Esta investigação, envolvendo um pequeno grupo de idosos, destacou que a presença do pássaro facilitava o início de conversas com outras pessoas, servindo como «lubrificante social» para o contacto e a interação social.

Por fim, perante o exposto, Guéguen & Ciccotti (2008) e Serpell & Paul (2011) apontam que as evidências neste âmbito são intrigantes e convincentes — dado que ser visto com um animal de companhia, particularmente um cão «amigável ou filhote» mostra ter efeitos significativos na perceção que «os outros têm de nós» e no comportamento que demonstram «em relação a nós».

O processo «*continuum of social interaction potentially*» do animal de companhia

[...] companion animals can also act as a social bridge between people and human inter-relatedness in a number of ways. (Wood et al., 2015, p. 11)

Wood & Christian (2011) investigaram o contributo do animal de companhia pela sua capacidade de incorporar estes papéis de catalisador e lubrificante social, referindo-se ao processo que denominaram «*continuum of social interaction potentially*». Este processo sugere que a presença do animal de companhia, especialmente dos cães, potencia as oportunidades de contacto e interação social. Estas autoras sublinharam que os indivíduos que se apresentam em espaços públicos acompanhados pelos seus animais, particularmente aqueles que passeiam os cães, têm maior probabilidade de avançar neste «continuum» social, conforme a ilustração:



Ilustração 1 – Potencial «continuum» da interação social facilitada através do passeio com o cão. (Wood & Christian, 2011, p. 55)

Estas autoras consideram que o AC tem a potencialidade de ir além do contacto e interação social casual e esporádico. Este processo «*continuum of social interaction*» se inicia passivamente *e.g.*; com um sorriso, uma curta conversa, conhece o nome do animal e do dono, tornam-se conhecidos, amigos e por fim, a possibilidade de receber algum tipo de apoio proveniente do contacto e da interação facilitada pelo AC, por exemplo, pedir ajuda para cuidar do animal quando se ausenta ou até mesmo partilhar assuntos pessoais, ou passar momentos de convívio e integração social.

Metodologia

Face aos objetivos propostos nesta pesquisa, optou-se por uma abordagem quantitativa e exploratória, sendo utilizado para a recolha de dados um questionário *online* elaborado no Google Drive que decorreu entre dezembro de 2021 e março de 2022, direcionado para indivíduos com 65 ou mais anos, totalizando 231 participantes, divididos em 175 com animal de companhia e respetivamente 56 sem animal de companhia.

Quanto ao desenho da investigação, esta alinou-se principalmente consoante o referencial de Wood et al., (2015) que tem como premissa o AC como potencial facilitador de variadas dimensões das relações sociais humanas, nomeadamente: a interação social incidental, a formação de amizade e, também, formas efetivas de apoio social. Neste sentido, foram estruturadas e adaptadas para este estudo, as dimensões relacionais que o animal de companhia potencialmente apoia:



Ilustração 2 – Dimensões do relacionamento social potencializado por meio do animal de companhia. (adaptado a partir de: Wood et al., 2015, p. 3)

Assim, construiu-se a estrutura principal do estudo com base no «*continuum of social interaction potentially*» (Wood & Christian, 2011):

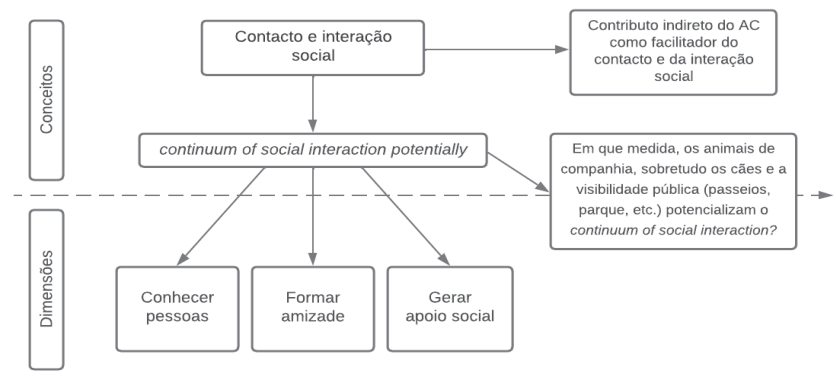


Ilustração 3 – Conceitos e dimensões estruturados conforme modelo proposto por Campenhoudt, Marquet & Quivy (2019, p. 168)

Esta pesquisa transversal optou por uma abordagem de carácter quantitativo devido à natureza dos seus objetivos, implicando um método descritivo, na medida em que “descreve fenómenos, identifica variáveis e inventaria factos”, como também relaciona variáveis, as suas interações e diferenças (Sarmiento, 2013, p. 8). Fo-

ram utilizadas medidas de estatística descritiva², como frequências absolutas e relativas, médias e respetivo desvio-padrão (DP) e estatística inferencial³, considerando como nível de significância (α) $\leq 0,05$ e recorreu-se ao software *IBM SPSS Statistics for Windows (Statistical Package for the Social Sciences)*, v. 27. No que diz respeito aos testes estatísticos, foram escolhidos os seguintes:

✓ *Teste do Qui-quadrado de Independência* para comparar as características sociodemográficas dos grupos com e sem animal de companhia, conforme Marôco (2021) possibilita testar grupos ou populações, e se, estes diferem relativamente a determinadas características.

✓ *Modelos de Regressão Logística Binária* para compreender os fatores associados a: conhecer pessoas através do animal de companhia, fazer amizades com essas pessoas ou receber apoio social delas. Nestes modelos, estes três fatores foram inseridos como variáveis dependentes e como variáveis independentes o tipo de animal de companhia e se a pessoa se expõe com esse animal. A escolha do modelo baseou-se no tipo de variável dependente, dado que nos três casos, há variáveis dependentes categóricas com apenas duas categorias “sim e não” (Fávero & Belfiore, 2017).

✓ *Modelos de Regressão Logística Ordinal* foram utilizados para compreender se ter ou não um animal de companhia (variável independente) estaria relacionado à concordância dos inquiridos com os seguintes aspetos: contributo para a facilitação do contacto e da interação social com outras pessoas e bem-estar emocional.

✓ *Variáveis de controlo* foram incluídas em ambos os modelos de regressão logística (binária e ordinal), tais como, os dados sociodemográficos: idade, género, escolaridade, estado civil, rendimentos e com quem reside.

² Consoante Fortin, Côté & Filion (2009, pp. 410–411) a análise descritiva dos dados é um processo em que o investigador tem a missão de resumir um conjunto de dados na sua forma bruta com o apoio de testes estatísticos de modo que sejam compreendidos e de fácil leitura.

³ Quanto a análise inferencial, de acordo com Fortin, Côté & Filion (2009, p. 440) vão além da análise descritiva, dado que o seu foco é “[...] pelos resultados provenientes de uma amostra e, por inferência, prevê o comportamento ou as características da população total”.

Resultados

A amostra foi constituída por 231 inquiridos com idades compreendidas entre os 65 e os 98 anos. A idade média foi de 70,2 anos ($DP = 5,48$), sendo a maioria dos participantes do sexo feminino (75,3%). Em relação às faixas etárias, verificou-se um número significativo de inquiridos com menos de 75 anos (84,8%), classificados como jovens idosos, seguindo os idosos com idades compreendidas entre os 75 e os 84 anos (11,7%), com menos participantes muito idosos (85+) a representar apenas 3,5% dos inquiridos. Relativamente à escolaridade, uma faixa considerável possuía formação superior: licenciatura (36,4%), mestrado (10,8%) e doutoramento (4,3%). Quanto ao estado civil, são predominantemente indivíduos casados ou em união estável (53,2%), seguindo-se os viúvos (22,5%), divorciados ou separados (15,6%) e solteiros (6,9%).

Cerca de metade das pessoas idosas inquiridas vive com o cônjuge ou companheiro (51,5%), enquanto uma parte reside sozinha (34,6%). Relativamente aos rendimentos, uma pequena proporção não tem rendimentos suficientes para cobrir as despesas da vida quotidiana (8,2%), enquanto 48,1% dos participantes conseguem cobrir as despesas sem conseguir poupar e 42,4% conseguem fazer popanças. Verificou-se, também, que a maioria dos inquiridos reside na Área Metropolitana de Lisboa, especificamente nos concelhos de Lisboa (46; 21%), Oeiras (15; 7%), Sintra (15; 7%), Amadora (13; 6%), Vila Franca de Xira (13; 6%) e Cascais (8; 4%), com um participante oriundo de Lagoa, Açores.

Comparação entre inquiridos com e sem animal de companhia

Os inquiridos com animais de companhia concordaram significativamente que este contribui para o seu bem-estar emocional ($OR = 3,49$; $IC\ 95\% = 1,78; 6,85^*$)⁴, assim como, o contributo para facilitar o contacto e a interação social ($OR = 2,07$; $IC\ 95\% = 1,11; 3,88^{**}$). O resultado a destacar que aqueles com AC têm três vezes mais pro-

⁴ IC = intervalo de confiança; OR = odds ratio; $*p < 0,001$ e $^{**}p \leq 0,05$

bilidade de concordar em relação ao bem-estar emocional, particularmente, as mulheres⁵ com animais de companhia (OR = 2,51; IC 95% = 1,24;5,05**).

Tipos de relacionamento social facilitado por meio do animal de companhia

Para a análise, de acordo com os objetivos desta investigação, o tipo de animal de companhia foi separado em «*donos de cães*», que agrupou as categorias cão (n=64) e ambos animais, cão e gato (n=28) e «*outros animais*» que agrupou apenas donos de gatos (n=75) e outros, entre os quais, periquitos, canários e uma tartaruga (n=8).

Tabela 1

Tipo de animal dos inquiridos (cão e outros animais)		
<i>N</i> = 175	n	%
Cão	92	52,6
Outros animais	83	47,4

O AC facilitador do contacto e interação social

Referente ao primeiro tipo de relacionamento facilitado pelo animal de companhia, os dados sugerem que os animais de companhia, particularmente os cães, são significativos facilitadores de contacto social, como demonstrado em vários estudos (Guéguen & Ciccotti, 2008; Knight & Edwards, 2008; McNicholas & Collis, 2000; Papotto & Oliva, 2019; Robins, Sanders & Cahill, 1991; Wells 2004; Wood & Christian, 2011; Wood et al., 2015; 2007). Dos 175 inquiridos com animais de companhia, 62,9% afirmaram ter conhecido outra(s) pessoa(s) por intermédio do AC, sendo que os donos de cães apresentaram uma probabilidade 2,4 vezes maior de fazer novas conexões sociais em

⁵ Esta variável foi inserida como «variável de controlo», contudo, com base no efeito da «razão de chances» e no valor de $p \leq 0,05$, considerou-se pertinente destacar alguns dados provenientes das variáveis de controlo, no entanto, com a devida cautela no que concerne a sua análise, dado que não representam a centralidade dos resultados (Atinc, Simmering & Kroll, 2012).

comparação com aqueles que possuem outros tipos de animais (OR = 2,40; IC 95% = 1,00; 5,79); aqueles que passeiam ou expõem-se publicamente com os seus animais têm 2,5 vezes mais oportunidades de socializar (OR = 2,51; IC 95% = 1,07; 5,89).

O AC como meio para estabelecer amizades

A análise indica que não há associação estatisticamente significativa entre o tipo de animal de companhia e o estabelecimento de amizades ($\chi^2_{(1)} = 0,292$; $p = 0,589$), tampouco referente a exposição pública com o animal ($\chi^2_{(1)} = 0,227$; $p = 0,634$). No entanto, observa-se que 49,1% dos inquiridos com cães estabeleceram amizades, em comparação com 28,2% de pessoas com outros animais; na mesma linha, os 51,8% daqueles que se expõem publicamente com os seus animais, comparados a 25,5% dos que não se expõem.

O AC como meio gerador de apoio social

Em média, 55,7% dos participantes relataram ter recebido pelo menos um tipo de apoio (informacional, emocional, social e instrumental) de alguém que conheceu ou com quem estabeleceu amizade por intermédio do seu animal de companhia; sublinha-se que este valor é ligeiramente superior à percentagem de 42,3% concernente ao estudo de Wood et al., (2015).

Tabela 2

Tipos de apoio	N*	%**
Informacional (e.g., informações sobre médicos veterinários ou comércio local)	107	84,1% (90)
Emocional (e.g., partilha de problema de saúde ou familiar)	105	50,5% (53)
Integração social (e.g., ir ao café, restaurantes, passeios, etc.)	105	47,6% (50)
Instrumental (e.g., vigiar a casa ou cuidar do animal de companhia durante um período de ausência)	103	40,8% (42)

* Total dos inquiridos que responderam esta questão

** Dos que afirmaram que receberam efetivamente o tipo de apoio

Apoio informacional

O modelo de regressão logística binária não revelou uma associação estatisticamente significativa entre o tipo de animal de companhia, especificamente “cão” e a obtenção de apoio informacional de pessoas conhecidas através do referido animal ($\chi^2_{(1)} = 0,054$; $p = 0,817$), nem entre a exposição ou passeio com o mesmo ($\chi^2_{(1)} = 0,024$; $p = 0,636$). No entanto, a variável idade (*controlo) demonstrou ser estatisticamente significativa ($\chi^2_{(1)} = 4,582$; $p = 0,032$), indicando que, com o aumento de cada ano na idade, a probabilidade de receber apoio informacional diminui em 14,1% ($OR = 0,85$; $IC\ 95\% = 0,74; 0,98$).

Apoio emocional

O modelo de regressão logística binária não revelou uma associação estatisticamente significativa entre o tipo de animal de companhia, nomeadamente “cão” e a obtenção de apoio emocional de pessoas conhecidas através deste ($\chi^2_{(1)} = 1,060$; $p = 0,303$). Da mesma forma, a exposição ou passeio com o animal, apesar da possibilidade ser ligeiramente superior a 1 ($OR = 1,09$; $IC\ 95\% = 0,33; 3,61$), não foi estatisticamente significativa ($\chi^2_{(1)} = 0,023$; $p = 0,880$). No entanto, a variável “estado civil”, utilizada como controlo, revelou que a condição de “viúvo/a” é estatisticamente significativa ($\chi^2_{(1)} = 4,423$; $p = 0,035$), sugerindo que as pessoas viúvas têm uma maior probabilidade de partilhar assuntos pessoais com aqueles que conheceram ou com quem estabeleceram amizade através do animal de companhia ($OR = 7,80$; $IC\ 95\% = 1,15; 52,91^6$).

Integração social

O estudo mostrou que pessoas que se expõem com os seus animais têm maior probabilidade de partilhar momentos de convívio

⁶ Conforme Rumel (1986, p. 257) “o tamanho da amostra não afeta o “*odds ratio*”, mas afeta o seu intervalo de confiança” – como verificado neste caso.

com pessoas que conheceram por intermédio do animal de companhia (OR = 48,31; $\chi^2_{(1)} = 12,401$; $p < 0,001$). Destaca-se, que quem tem outros animais apresentou maior possibilidade de socialização (OR = 7,41; $\chi^2_{(1)} = 4,356$; $p = 0,037$). Além disso, o género feminino (*controlo) apresentou maior possibilidade de participação em atividades com aquele que conheceu através do animal de companhia (OR = 3,71; $\chi^2_{(1)} = 4,095$; $p = 0,043$).

Apoio instrumental

Os inquiridos que se expõem ou passeiam com o seu animal têm maior possibilidade de receber este apoio (OR = 5,44; $\chi^2_{(1)} = 4,405$; $p = 0,036$). Quanto ao tipo de animal, os resultados foram estatisticamente significativos, revelando também que os donos de outros animais têm maior probabilidade de receber apoio instrumental (OR = 7,81; $\chi^2_{(1)} = 7,738$; $p = 0,005$).

Discussão dos Resultados

O estudo identificou diferenças entre idosos com e sem animais de companhia, embora estas não sejam estatisticamente significativas. Tais diferenças, alinham-se com estudos anteriores, indicando que indivíduos com animais tendem a ser mais jovens, casados ou a viver com companheiro(a) e apresentam variações nos níveis de rendimento e de educação (Friedmann et al., 2018; Pruchno, Heid & Wilson-Genderson, 2018).

O apoio informacional foi o mais comum entre os inquiridos, refletindo os resultados encontrados por Wood et al., (2015). À medida que os inquiridos envelhecem, a solicitação desse tipo de apoio diminui, o que está em consonância com as dificuldades crescentes que podem advir do gradual envelhecimento (McNicholas, 2014; Moreira, 2020).

O apoio emocional mostrou-se particularmente importante para os idosos, especialmente para a categoria «viúvos», em particular para as mulheres, confirmando a relevância dessas interações para o seu bem-estar emocional e social (Araújo & Melo,

2018; Cabral et al., 2013; Guadalupe, 2017). Em contraste, o apoio instrumental foi o menos recebido pelos inquiridos, o que não é surpreendente, visto que os idosos tendem a valorizar menos este tipo de auxílio (Cabral et al., 2013; Guadalupe, 2017). Quanto ao apoio instrumental e integração social, constatou-se que os inquiridos que se expõem/ou passeiam têm maior possibilidade de receber estes apoios. Como referido, embora os cães, pela sua natureza, estimulem a sair de casa e potencializem o contacto e a interação social (Wood et al. 2007; Oliva & Johnston, 2021), nestes dois tipos de apoio evidenciou-se que, tendo outros animais, estes apoiam o intercâmbio relacional (Rijken & Beek, 2011; Taniguchi et al. 2018). Em síntese, a exposição pública evidencia aumentar o contacto e a interação social, promovendo relações menos superficiais (Wood et al., 2015; Curl, Bibbo & Johnson, 2021) o que sugere que os animais de companhia, em particular os cães, são facilitadores no avanço do «*continuum of social interaction*», permitindo romper a barreira do mero contacto casual – ou, como destacado por Wood et al., (2015, p. 5) “*more than just an acquaintance*”.

Além disso, independentemente do tipo de animal, as pessoas tendem a conectar-se através do interesse, afinidade e pelo amor que sentem pelos animais, tendo um ponto em comum, o que pode ser um fator significativo no estabelecimento de contacto e novas amizades (Mueller & Hunter, 2019). Assim, demonstra-se que os animais de companhia não somente podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos seus donos, como também, podem desempenhar um papel crucial na facilitação de novas relações sociais, enfatizando o seu papel como catalisadores e lubrificantes sociais (McNicholas & Collis, 2000; Wells, 2004). Contudo, o animal de companhia não resolve, por si só, os problemas de isolamento ou falta de apoio social da população idosa, devendo ser considerado como um complemento numa estratégia preventiva para promover o bem-estar físico, emocional e social dos mesmos (Toohey et al., 2018; Carr et al., 2021, McNicholas, 2014).

Para pesquisas futuras seria relevante incluir pessoas idosas acima de 75 anos e de zonas rurais, a fim de aprofundar a compreensão sobre a escolha do animal de companhia, o impacto dos

passeios e da exposição pública, para além de diferenciar o apoio social recebido de conhecidos e amigos, assim como a proximidade geográfica (Wood et al., 2015). Adicionalmente, se estes laços constituídos por meio do animal de companhia podem ser analisados como apoio informal (Guadalupe, 2017), de modo a distinguir pontos fortes, pontos fracos e outras dimensões.

Considerações finais

Sublinha-se a importância de promover o envelhecimento como um processo de otimização do bem-estar (Carvalho, 2013). Os imperativos do envelhecimento demográfico, as novas dinâmicas sociais, exigem uma mudança de paradigma nos modelos de proteção social nas metodologias de intervenção social, que promovam ambientes amigos e centrados no bem-estar dos indivíduos mais velhos (Rosa, 2016). O foco em políticas e práticas centradas no bem estar, a construção de um ambiente que possibilite às pessoas idosas, sempre que possível, a permanência na sua comunidade e na sua habitação, a valorização das relações sociais e das oportunidades de contacto e convívio social, são dimensões que devem ser consideradas pela sua influência positiva na velhice. Nesta linha, seja no espaço habitacional, seja em estrutura de apoio social institucional, os animais de companhia podem ter um papel significativo pelo seu potencial de apoio na otimização do bem-estar (Mishra & Schroeder, 2014, McNicholas, 2014).

As evidências deste estudo salientam a importância dos animais de companhia como facilitadores da interação e do contacto social, demonstrando o seu papel na redução do risco de isolamento social das pessoas idosas. Ao reconhecer o potencial dos animais de companhia como catalisadores sociais, os decisores políticos, os profissionais da área social e as organizações locais podem desenvolver estratégias e intervenções que aproveitem a sua influência positiva na promoção do bem estar social da população idosa. O estudo apresenta limitações inerentes ao seu desenho transversal, que captura dados apenas num momento específico, sem acompanhar as variações ao longo do tempo (Friedmann & Gee, 2019; Wood et

al., 2015); quanto ao tamanho da amostra, e apesar de poder ser considerado razoável, o intervalo de confiança em algumas análises, especialmente relacionadas com o fator exposição para apoio instrumental e integração social, não atingiu a precisão ideal. Além disso, a investigação utilizou um questionário online, exigindo que os participantes tivessem acesso e competência para utilizar tecnologias digitais, verificando-se que os idosos com mais de 75 anos foram grupo sub-representado, evidenciando a dificuldade deste segmento etário em aceder e utilizar as tecnologias digitais (Moreira, 2020).

Referências Bibliográficas

- APPLEBAUM, Jennifer et al., (2021). The Impact of Pets on Everyday Life for Older Adults During the COVID-19 Pandemic. *Frontiers in Public Health* [em linha]. 9 April 2021. vol. 9, no. 652610, p. 1-10. [Acesso em 2 March 2022]. Disponível em: 10.3389/fpubh.2021.652610
- ARAÚJO, Lia & MELO, Sara, (2018). Relacione-se com os outros. Em: *Manual de Envelhecimento Ativo*. 2a. Lisboa: Lidel. p. 157-191. ISBN 978-989-752-333-5.
- ATINC, Guclu, SIMMERING, Marcia J & KROLL, Mark J., (2012). Control Variable Use and Reporting in Macro and Micro Management Research. *Organizational Research Methods* [em linha]. 8 janeiro 2012. vol. 15, no. 1, p. 57-74. [Acesso em 20 julho 2022]. Disponível em: 10.1177/1094428110397773
- BEZERRA, Patricia, NUNES, José & MOURA, Leides, (2021). Envelhecimento e isolamento social: uma revisão integrativa. *ACTA Paulista de Enfermagem* [em linha]. 5 March 2021. vol. 34, no. eAPE02661, p. 1-9. [Acesso em 12 April 2021]. Disponível em: 10.37689/acta-ape/2021AR02661
- BOWLING, Ann et al., (2003). Let's Ask Them: A National Survey of Definitions of Quality of Life and Its Enhancement among People Aged 65 and Over. *The International Journal of Aging and Human Development* [em linha]. 22 June 2003. vol. 56, no. 4, p. 269-306. [Acesso em 12 December 2021]. Disponível em: 10.2190/BF8G-

-5J8L-YTRF-6404

- BOWLING, Ann, (2017). *Measuring Health: A Review of Subjective Health, Well-Being and Quality of Life Measurement Scales*. [em linha]. 4a. 2017. [Acesso em 1 December 2021]. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=BQAwEAAA-QBAJ&pg=GBS.PP1&hl=pt_PT
- CABRAL, M V et al., (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida* [em linha]. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos. [Acesso em 1 October 2020]. ISBN 978-989-8662-00-2. Disponível em: <https://www.ffms.pt/FileDownload/b45aa8e7-d89b-4625-ba91-6a6f73f4ecb3/processos-de-envelhecimento-em-portugal>
- CAMPENHOUDT, Luc Van, MARQUET, Jacques & QUIVY, Raymond, (2019). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 5o. Lisboa: Gradiva. ISBN 978-989-616-929-9.
- CARR, Dawn et al., (2021). Dog Walking & the Social Impact of the COVID-19 Pandemic on Loneliness in Older Adults. *Animals* [em linha]. 22 June 2021. vol. 11, no. 7, p. 1-15. [Acesso em 19 September 2021]. Disponível em: 10.3390/ani11071852
- CARVALHO, Maria Irene, (2013). Um percurso Heurístico pelo Envelhecimento. Em: *Serviço Social no Envelhecimento*. 1a. Lisboa: Pactor. p. 1-16. ISBN 978-989-693-028-8.
- CURL, Angela, BIBBO, Jessica & JOHNSON, Rebecca, (2021). Neighborhood Engagement, Dogs, & Life Satisfaction in Older Adulthood. *Journal of applied gerontology: the official journal of the Southern Gerontological Society* [em linha]. 1 December 2021. vol. 40, no. 12, p. 1706-1714. [Acesso em 28 January 2022]. Disponível em: 10.1177/0733464820953725
- DOUMA, Linden et al., (2015). Exploring Subjective Well-being in Older Age by Using Participant-generated Word Clouds. *The Gerontologist* [em linha]. 1 September 2015. vol. 57, no. 2, p. 1-11. [Acesso em 1 October 2020]. Disponível em: 10.1093/geront/gnv119
- FÁVERO, Luiz Paulo & BELFIORE, Patrícia, (2017). *Manual de análise de dados: estatística e modelagem multivariada com Excel®, SPSS® e Stata®*. São Paulo: Elsevier. ISBN 978-85-352-8505-5.

- FONSECA, António Manuel Godinho, (2004). Uma abordagem psicológica da “passagem à reforma” - Desenvolvimento, Envelhecimento, Transição e Adaptação. *Tese de Doutoramento* [em linha]. 2004. [Acesso em 9 September 2021]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9776>
- FORTIN, Marie-Fabienne, CÔTÉ, José e FILION, Françoise, (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lusodidacta. ISBN 978-989-8075-18-5.
- FRIEDMANN, E et al., (2018). Pet Ownership Patterns in Community- Living Older Adults. *Innovation in Aging* [em linha]. 1 November 2018. vol. 2, no. suppl_1, p. 974–974. [Acesso em 15 March 2021]. Disponível em: [10.1093/geroni/igy031.3607](https://doi.org/10.1093/geroni/igy031.3607)
- FRIEDMANN, Erika & GEE, Nancy R, (2019). Critical Review of Research Methods Used to Consider the Impact of Human–Animal Interaction on Older Adults’ Health. *The Gerontologist* [em linha]. 12 April 2019. vol. 59, no. 5, p. 964–972. [Acesso em 20 March 2022]. Disponível em: [10.1093/geront/gnx150](https://doi.org/10.1093/geront/gnx150)
- GLASIER, Alicia et al., (2009). Canine catalysts: public perceptions of four dog breeds and the ability of dogs to act as a social bridge between strangers. Em: *ISAZ Conference Abstracts* [em linha]. Kansas: The International Society for Anthrozoology (ISAZ). p. 57. [Acesso em 20 March 2022]. Disponível em: <http://www.isaz.net/isaz/wp-content/uploads/2014/07/ISAZ2009.pdf>
- GUADALUPE, Sónia, (2017). As redes de suporte social informal em Serviço Social: as redes sociais pessoais de idosos portugueses nos processos de avaliação diagnóstica em respostas sociais. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/16706>.
- GUÉGUEN, Nicolas & CICCOTTI, Serge, (2008). Domestic dogs as facilitators in social interaction: An evaluation of helping and courtship behaviors. *Anthrozoos* [em linha]. December 2008. vol. 21, no. 4, p. 339–349. [Acesso em 4 May 2021]. Disponível em: [10.2752/175303708X371564](https://doi.org/10.2752/175303708X371564)
- HOLT-LUNSTAD, Julianne et al., (2015). Loneliness and social isolation as risk factors for mortality: a meta-analytic review. *Perspectives on psychological science : a journal of the Association for Psychological Science* [em linha]. 16 March 2015. vol. 10, no. 2, p. 227–37. [Acesso

- em 4 May 2021]. Disponível em: 10.1177/1745691614568352
- HOLT-LUNSTAD, Julianne, SMITH, Timothy B. & LAYTON, J Bradley, (2010). Social relationships and mortality risk: a meta-analytic review. *PLoS medicine* [em linha]. 27 July 2010. vol. 7, no. 7, p. 1-20. [Acesso em 16 May 2021]. Disponível em: 10.1371/journal.pmed.1000316
- HOY-GERLACH, Janet, RAUKTIS, Mary & NEWHILL, Christina, (2020). (Non-Human) animal companionship: a crucial support for people during the COVID-19 pandemic. *Society Register* [em linha]. 7 April 2020. vol. 4, no. 2, p. 109-120. [Acesso em 21 February 2021]. Disponível em: 10.14746/sr.2020.4.2.08
- JACOB, Luís, (2011). Ideias para um envelhecimento activo. Em: *Ideias para um envelhecimento activo* [em linha]. 1a. Almeirim: RUTIS - Associação Rede de Universidades da Terceira Idade. p. 231-236. [Acesso em 27 January 2022]. ISBN 978-989-97524-0-5. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/358043766>
- KNIGHT, Sarah & EDWARDS, Victoria, (2008). In the company of wolves: the physical, social, and psychological benefits of dog ownership. *Journal of Aging and Health* [em linha]. June 2008. vol. 20, no. 4, p. 437-455. [Acesso em 17 January 2022]. Disponível em: 10.1177/0898264308315875
- MARÔCO, João, (2021). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. 8a. Però Pinheiro ou Lisboa: ReportNumber. ISBN 978-98-9967-637-4.
- MCNICHOLAS, June & COLLIS, Glyn M., (2000). Dogs as catalysts for social interactions: Robustness of the effect. *British Journal of Psychology* [em linha]. 1 February 2000. vol. 91, no. 1, p. 61-70. [Acesso em 21 March 2021]. Disponível em: 10.1348/000712600161673
- MCNICHOLAS, June, (2014). The role of pets in the lives of older people: a review. *Working with Older People* [em linha]. 2 September 2014. vol. 18, no. 3, p. 128-133. [Acesso em 21 March 2021]. DOI 10.1108/WWOP-06-2014-0014. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/WWOP-06-2014-0014/full/html>
- MESSENT, Peter, (1985). Pets as social facilitators. *The Veterinary clinics of North America: Small animal practice* [em linha]. 1 March 1985. vol. 15, no. 2, p. 387-93. [Acesso em 3 November 2021]. Dis-

- ponível em: 10.1016/s0195-5616(85)50310-1
- MISHRA, Vyvyan; & SCHROEDER, Bonnie, (2014). Measuring the benefits: companion animals and the health of older persons. *IFA : International Federation on Ageing* [em linha]. 2014. [Acesso em 1 May 2020]. Disponível em: <https://ifa.ngo/wp-content/uploads/2014/09/Companion-Animals-and-Older-Persons-Full-Report-Online.pdf>
- MOREIRA, Maria João Guardado, (2020). Como envelhecem os portugueses — envelhecimento, saúde, idadismo. Em: *Colecção «Os portugueses» 9/10* [em linha]. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, PORDATA, Público e a RTP. p. 1-80. [Acesso em 13 March 2021]. ISBN 9789899004535. Disponível em: <https://www.ffms.pt/documentos/7738/como-envelhecem-os-portugueses-pdf-pdf>
- MUELLER, Ranell & HUNTER, Elizabeth, (2019). The Intersection of Aging and Pet Guardianship : Influences of Health and Social Support. *People and Animals: The International Journal of Research and Practice* [em linha]. 2019. vol. 2, no. 1, p. 1-14. [Acesso em 18 October 2020]. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/paij/vol2/iss1/3>
- OLIVA, Jessica Lee e JOHNSTON, Kim Louise, (2021). Puppy love in the time of Corona: Dog ownership protects against loneliness for those living alone during the COVID-19 lockdown. *The International journal of social psychiatry* [em linha]. 2021. vol. 67, no. 3, p. 232-242. DOI 10.1177/0020764020944195. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/32701015>
- PAPOTTO, Elisa Maria Concetta & OLIVA, Jessica Lee, (2019). Paws for Thought: The Importance of Dogs in a Seniors Social Intervention. *People and Animals: The International Journal of Research and Practice* [em linha]. 2019. vol. 2, no. 1, p. 1-15. [Acesso em 20 January 2022]. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/paij/vol2/iss1/5>
- PRUCHNO, Rachel, HEID, Allison R. & WILSON-GENDERSON, Maureen, (2018). Successful Aging, Social Support, and Ownership of a Companion Animal. *Anthrozoös* [em linha]. 2 January 2018. vol. 31, no. 1, p. 23-39. DOI 10.1080/08927936.2018.1406199.

- Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/08927936.2018.1406199>
- RIJKEN, Mieke e BEEK, Sandra van, (2011). About Cats and Dogs... Reconsidering the Relationship Between Pet Ownership and Health Related Outcomes in Community-Dwelling Elderly. *Social Indicators Research* [em linha]. 11 julho 2011. vol. 102, no. 3, p. 373-388. [Acesso em 24 março 2022]. Disponível em: 10.1007/s11205-010-9690-8
- ROBINS, Douglas, SANDERS, Clinton & CAHILL, Spencer, (1991). Dogs and their people: Pet-facilitated interaction in a public setting. *Journal of Contemporary Ethnography* [em linha]. 25 April 1991. vol. 20, no. 1, p. 3-25. Disponível em: 10.1177/089124191020001001
- ROGERS, John, HART, Lynette & BOLTZ, Ronald, (1993). The role of pet dogs in casual conversations of elderly adults. *The Journal of social psychology* [em linha]. June 1993. vol. 133, no. 3, p. 265-277. [Acesso em 5 November 2021]. Disponível em: 10.1080/00224545.1993.9712145
- ROSA, Maria João Valente (2016). *O envelhecimento da sociedade portuguesa* [em linha]. Fundação Francisco Manuel dos Santos. [Acesso em 5 March 2021]. ISBN 978-989-881-964-2. Disponível em: <https://play.google.com/store/books/details?id=n9Uk-DAAAQBAJM.J.V>.
- RUMEL, D., (1986). The "odds ratio": various considerations. *Revista de Saúde Pública* [em linha]. junho 1986. vol. 20, no. 3, p. 253-8. [Acesso em 13 julho 2022]. Disponível em: 10.1590/s0034-89101986000300011
- SARMENTO, Manuela (2013). *Metodologia científica para a elaboração, escrita e apresentação de teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora. ISBN 978-989-640-143-6.
- SCRUTTON, Jonathan & CREIGHTON, Helen, (2015). The links between social connections and wellbeing in later life. Em: *Social connections and wellbeing in older adults* [em linha]. London: University College London - UCL. p. 1-20. [Acesso em 27 November 2021]. Disponível em: <https://ilcuk.org.uk/the-links-between-social-connections-and-well-being-in-later-life/>
- SERPELL, James A. & PAUL, Elizabeth S., (2011). Pets in the Fa-